

Preço do algodão em Mato Grosso supera desembolso da safra 2015/2016

O preço do algodão em pluma em janeiro operou acima dos custos para a safra 2015/2016, em Mato Grosso, segundo dados coletados em painéis do Campo Futuro/CNA/Cepea. Já na Bahia, o algodão safra Wide Strike - Tolerante ao glufosinato de amônio e resistente às lagartas (WS) registrou custo acima do valor comercializado da pluma. Na média dos cultivos, o algodão em Mato Grosso apresentou Custo Operacional Efetivo (COE) de R\$ 64,94/@, enquanto na Bahia, de R\$ 84,11 a arroba.

No cálculo do COE, foi levado em consideração os coeficientes técnicos da safra 2014/2015 e a compra dos insumos entre fevereiro e novembro de 2015. Em Mato Grosso, para o algodão safra, foi considerada a região de Primavera do Leste e, na Bahia, de Barreiras. Quanto ao algodão segunda safra, foram tomadas como base as praças mato-grossenses de Campo Verde e de Campo Novo do Parecis.

O desembolso com o algodão em Mato Grosso variou entre R\$ 7.423,38/ha e R\$ 7.849,3/ha, enquanto na Bahia foi de R\$ 8.971,66/ha. Diante da produtividade média de cada tecnologia, o preço de nivelamento para o operacional variou entre R\$ 60,96 e R\$ 84,11 a arroba.

Em Mato Grosso, o preço de nivelamento médio foi de R\$ 62,74/@, ou seja, esse seria o valor médio mínimo que o produtor deveria atingir para quitar o desembolso com algodão. Frente ao preço médio de janeiro deste ano R\$ 76,51/@, o algodão apresentou margem média de R\$ 13,78 a arroba sobre o COE.

O algodão mais caro de se produzir no estado mato-grossense foi o algodão segunda safra GLT (Tolerante ao glufosinato de amônio e glifosato e resistente às lagartas), que registrou COE de R\$ 7.849,31/ha, mas ainda apresentou a maior produtividade entre os cultivos, o que o colocou com preço de nivelamento abaixo do algodão WS

(Wide Strike - tolerante ao glufosinato de amônio e resistente às lagartas). Com custo e produtividade menores que os da tecnologia GLT, o algodão 2ª safra WS registrou o maior preço de nivelamento do estado, R\$ 64,38 a arroba, com COE de R\$ 7.500,47/ha.

O algodão com menor preço de nivelamento sobre o COE foi o algodão safra GLT, de R\$ 60,96 a arroba. Esse menor desembolso entre os cultivos, por sua vez, garantiu margem de R\$ 15,77 por arroba de pluma sobre a cotação média de janeiro.

Vale ressaltar que mesmo no caso do algodão segunda safra GLT, em sua maior parte, representando as áreas de refúgio do algodão mato-grossense, registrou preço de nivelamento de R\$ 63,99 a arroba, valor 16% menor que o praticado no mercado em janeiro.

Na Bahia, o desembolso do algodão safra WS chegou a R\$ 8.971,66/ha, o que representa preço de nivelamento de R\$ 84,11 a arroba. Sendo o preço de

comercialização da pluma em janeiro de R\$ 76,36 a arroba. O produtor de Barreiras ficaria com prejuízo financeiro de R\$ 7,14 a arroba. Cabe ressaltar que os custos com depreciação e oportunidade da terra não estão inclusos no estudo.

A grande diferença entre os custos do algodão da Bahia e de Mato Grosso está no gasto com defensivos, principalmente herbicidas e inseticidas. No comparativo, o gasto com controle de pragas no algodão baiano foi 82% maior que o do mato-grossense de mesma tecnologia; para o controle de plantas daninhas, essa diferença chegou a 65%.

Quanto às pragas, a forte pressão e a dificuldade no controle do bicudo e de lagartas, que, além de aumentar o número de aplicações, também registra maior amplitude de uso de produtos por aplicação ou de insumos mais caros. Para esse estudo, o coeficiente de aplicações de defensivos para o algodão safra WS em Barreiras foi de 32 entradas com o pulverizador, enquanto que para o mesmo algodão em Primavera do Leste, a média foi de 20.

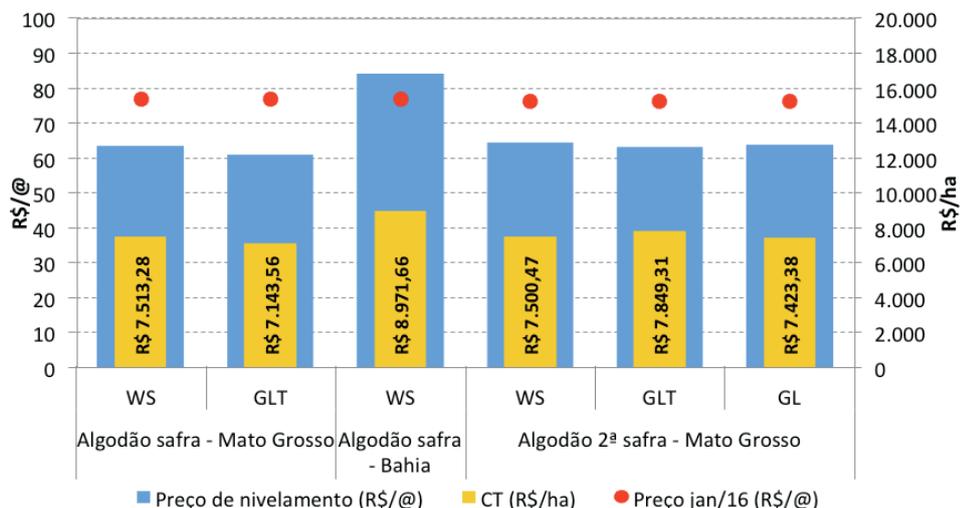


Figura 1. Custo Total (CT) e Preço de Nivelamento do algodão em Mato Grosso (MT) e Bahia (BA)
 Fonte: Campo Futuro (CNA/Cepea).

Preços favorecem rentabilidade do milho segunda safra

Apesar do custo de produção do milho segunda safra ter subido nas principais regiões produtoras entre os meses de novembro do ano passado e janeiro de 2016, a valorização do cereal no mesmo período compensou as altas dos gastos e favoreceu a rentabilidade da cultura. Para calcular o custo operacional efetivo (COE) foram utilizados os índices técnicos levantados com os produtores em painéis do Projeto Campo Futuro (CNA/Cepea) durante a safra 2014/15.

Entre novembro de 2015 e janeiro deste ano, o COE apresentou alta média de 1,36% nas praças acompanhadas, sendo que a maior elevação, de 1,49%, foi verificada no Cerrado. Em Sorriso (MT), houve a maior alta no COE, de 2,4%, passando de R\$ 2.014,47/ha para R\$ 2.063,16/t para o milho segunda safra OGM. A única região do Cerrado onde o desembolso recuou foi Uberaba/MG, com 1,15%, indo de R\$ 2.121,18/ha em novembro de 2015 para R\$ 2.096,75/ha em janeiro deste ano. O maior COE foi registrado em novembro do ano passado, em Cascavel (PR), de R\$ 2.615,43/ha.

No último mês de 2015, os preços do milho subiram, favorecendo a rentabilidade da cultura e diminuindo a produtividade de nivelamento para cobrir os custos operacionais. A receita teve alta de 4,5% em média nas praças acompanhadas. Em termos regionais, as cotações do milho segunda safra subiram 5% em Uberaba, 2,5% em Rio Verde e 2% em Londrina. Apesar do aumento médio de 2% no COE

entre novembro e dezembro e de 13% em relação à última safra, a rentabilidade continuou positiva.

Em janeiro deste ano houve nova alta nos preços do milho, porém dessa vez mais significativas, além da desvalorização dos fertilizantes impactando positivamente na rentabilidade. O preço do cereal chegou a subir 27% na região de Sorriso, sendo negociado a R\$ 22,54 a saca ou R\$ 4,90 por saca a mais que no mês anterior. No entanto, o maior valor negociado pela saca do milho foi em Balsas (MA), onde a saca atingiu R\$ 39,08.

Dessa forma, a produtividade de nivelamento média recuou 14,16%, principalmente nas regiões de Primavera do Leste (MT) e Sorriso (MT), que tiveram recuo de 20% e 19%, respectivamente, na comparação com a do mês anterior. A receita média dos produtores de Primavera do Leste (MT), considerando-se o preço médio da saca de R\$ 26,13 foi de R\$ 2.874,47/ha, ou seja, quase R\$ 570,00/ha a mais do que em dezembro do ano passado. Em Sorriso (MT), o recuo no rendimento necessário para cobrir o COE foi de 22 sacas por hectare, na mesma comparação.

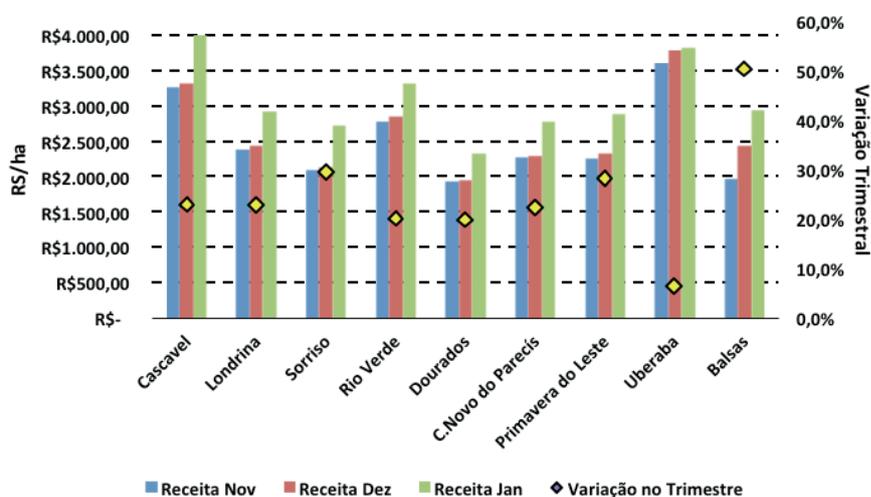


Figura 2. Receita Bruta média (R\$/ha) da venda do milho safrinha em novembro/15, dezembro/15 e janeiro/16, e variação trimestral média da Receita Bruta (%) nas praças de Cascavel (PR), Londrina (PR), Sorriso (MT), Rio Verde (GO), Dourados (MS), Campo Novo do Parecís (MT), Primavera do Leste (MT), Uberaba (MG) e Balsas (MA).

Fonte: Campo Futuro (CNA/Cepea)

Início de colheita da nova safra já sinaliza resultado satisfatório

Com a colheita da soja já em andamento em boa parte das regiões produtoras da oleaginosa no Brasil, o cenário atual é considerado satisfatório, após as incertezas e problemas enfrentados em praticamente todas as áreas produtoras do país.

Em Mato Grosso, segundo agentes consultados até meados de fevereiro, a colheita avançava, mas chuvas ainda limitavam as atividades de campo. No norte do estado, a produtividade média esperada era próxima a 50 sacas por hectare, mesmo considerando-se a falta de chuva no momento do plantio e do desenvolvimento de parte das lavouras. Nas demais regiões mato-grossenses, a produtividade deve ser satisfatória, uma vez que, mesmo variando bastante de

talhão a talhão, deve se manter na média das últimas safras, acima de 55 sacas por hectare.

Para as lavouras mais tardias, em quase todas as regiões de Mato Grosso, há relatos de mosca branca e também de ferrugem asiática. Os produtores que realizaram os tratamentos conforme o recomendado não tiveram prejuízos significativos. Lagartas também atacaram as, mas foram controladas na maioria dos casos.

Em Rio Verde (GO), até meados de fevereiro, a colheita ainda estava no início, com pouco mais de 10% da área colhida, segundo indicações de agentes consultados pelo Cepea. Neste início de colheita, as áreas ainda apresentam produtividade

muito variável e apenas com o avanço da colheita será possível calcular um número mais preciso. No geral, a expectativa é de boa safra na região goiana. A mosca branca tem sido o pior problema enfrentado pelos produtores.

Quanto à região Nordeste (oeste da Bahia e Balsas, no Maranhão), os trabalhos de colheita ainda não começaram, e devem se intensificar a partir de março. Com o clima favorável às lavouras, a expectativa é de boa colheita.

Na região Sul, a colheita já está mais adiantada. No Paraná, segundo a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab), até o dia 15 de fevereiro, a colheita havia atingido 41% da área semeada e a

grande maioria dos grãos apresentava boas condições.

Na região de Londrina, aproximadamente 40% da soja já havia sido colhida e, segundo agentes consultados, a produtividade média estava próxima a 57 sacas/ha. A ferrugem atrapalha, mas está sob controle. Em Cascavel, no oeste, para os agentes consultados, a produtividade média se aproxima das 60 sacas por hectare e o clima tem colaborado com os trabalhos.

Já nos Campos Gerais (Ponta Grossa), a colheita ainda está no início e a produtividade média se aproxima das 60 sacas/ha.

No estado, apesar do clima chuvoso e da quantidade de dias nublados ficarem acima do normal, a expectativa é a produtividade se manter em bons níveis. Para a Seab, a produtividade média da safra 2015/2016 deve superar em 3% a temporada 2014/2015, passando de 55 para 57 sacas/ha.

No Rio Grande do Sul, a colheita da soja ainda não havia começado em Passo Fundo até a primeira quinzena de fevereiro. A expectativa de agentes é de que um bom volume seja colhido. As doenças e pragas estão controladas. No oeste de Santa Catarina, as atividades de campo ainda estão no início e, segundo os agentes consultados, 5% da área havia sido colhida até meados de fevereiro e a produtividade média esperada deve ficar em até 55 sacas/ha.

Com menor demanda, adubos se desvalorizam e relação de troca frente ao milho melhora

A forte valorização do dólar frente ao real iniciada em julho do ano passado elevou os preços dos fertilizantes que utilizam matérias-primas importadas, mas reduziu a demanda pelos produtos. Com isso, a partir de novembro, os adubos começaram a se desvalorizar, em meio a um cenário de baixa disponibilidade de crédito agrícola.

Nesse cenário, as compras de adubo para plantio do milho segunda safra ficaram abaixo das expectativas, o que pressionou os preços dos principais fertilizantes tanto no Cerrado quanto na região Sul. Ao mesmo tempo, o milho teve valorização média de 3,8%, elevando a relação de troca do cereal frente aos fertilizantes de outubro para novembro do ano passado. Já a soja apresentou leve desvalorização de 0,36% nas mesmas regiões, mas a variação ainda foi menor que a verificada para a maior parte dos adubos.

As variações mais significativas na relação de troca foram verificadas para o produtor de milho em Dourados (MS), que precisou de oito sacas a menos de milho para a aquisição de uma tonelada de ureia, ou recuo de 10,3% em novembro, na comparação com o mês anterior. Em Primavera do Leste (MT) também houve variação positiva para a relação, com queda de sete sacas de milho para a aquisição de uma tonelada do fertilizante.

O mês de dezembro prosseguiu com sinais de demanda fraca, registrando desvalorização nos preços dos fertilizantes mesmo com a valorização do dólar. Na comparação anual, porém, os adubos apresentaram forte alta, o que também interferiu na demanda até o fim do ano.

Na comparação com dezembro de 2014, em Cascavel (PR), a ureia era vendida a R\$

1.340,94/t, elevação de 19,6% sobre dezembro de 2015 (R\$ 1.605,00/t). O mesmo adubo apresentou variação anual ainda maior em Rondonópolis (MT), de 22,6%. Já o KCL em Rio Verde (GO) era vendido a R\$ 1.272,50/t em dezembro de 2014, passando para R\$ 1.593,88/t no mesmo mês do ano passado (+25,2%).

Novamente, em 2016, o mês de janeiro também foi marcado por quedas de preços dos fertilizantes. A variação negativa ocorreu devido à queda nos preços dos adubos no mercado internacional, mesmo com uma perspectiva de melhora na demanda em decorrência dos resultados positivos para o milho safrinha. Ainda em janeiro, a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda) divulgou relatório apontando recuo de 6,2% nas entregas de fertilizantes em 2015, corroborando o resultado negativo dos fornecedores de adubos no ano.

Ainda assim, a queda dos preços foi parcialmente freada pela publicação de outro relatório sobre o mercado de fertilizantes.

A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) publicou dados indicando redução de 29,1% na quantidade de fertilizantes importados pelo Brasil, demonstrando esforço para a manutenção dos preços em patamares mais estáveis em 2016.

Na região Sul, o MAP (nitrogênio amoniacal e fósforo) se desvalorizou em todas as praças acompanhadas, com destaque para Passo Fundo (RS), onde foi registrada queda de 10% na comparação com dezembro do ano passado, a R\$ 1.812,00/t, segundo números de janeiro deste ano. No Cerrado, o preço da ureia teve a maior redução, de 9,3% tanto em Rio Verde (GO), quanto em Primavera do Leste (MT).

Para os próximos meses, dentre os fatores que irão afetar o preço dos fertilizantes destacam-se: a variação da taxa de câmbio, a demanda por adubos no hemisfério Norte (que se intensifica a partir de março) e, no mercado interno, a disponibilidade de crédito, juntamente, com os preços futuros das commodities brasileiras. 🌱

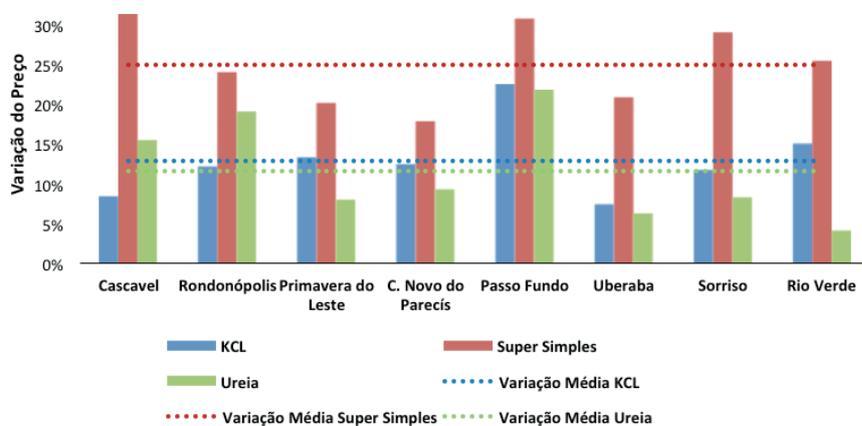


Figura 3. Variação anual dos preços do KCL, Super Simples e Ureia, bem como a variação média para os mesmos fertilizantes entre as praças de Cascavel (PR), Rondonópolis (MT), Primavera do Leste (MT), Campo Novo do Parecís (MT), Passo Fundo (RS), Uberaba (MG), Sorriso (MS) e Rio Verde (GO), entre janeiro/15 e janeiro/16. **Fonte:** Campo Futuro (CNA/Cepea)